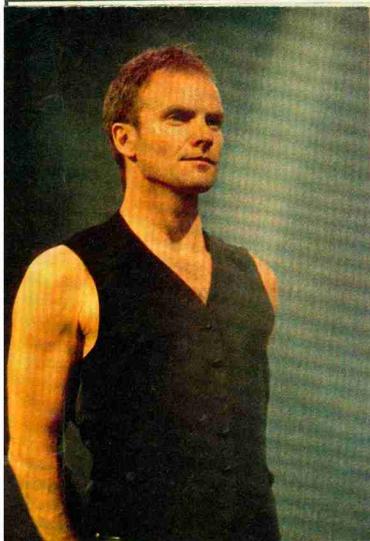


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: Fund. Mata Virgem
 Data: 28/04/93 Pg.: #4 e 75 211

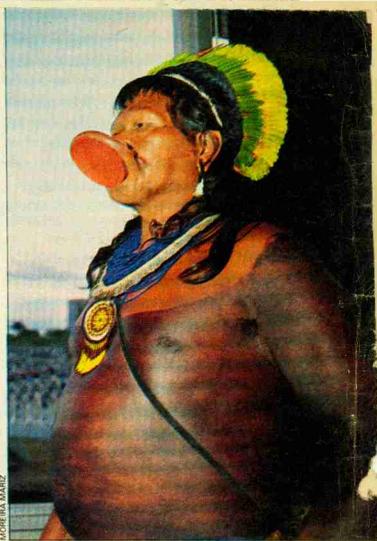


“Os índios tentam enganar você o tempo todo e podem ser muito frustrantes. Eles vêem os brancos mais como uma fonte de recursos do que como amigos. Eu era muito ingênuo. Estou deixando para trás os meus dias de selva”

STING

“Não sabia que o Sting estava falando mal dos índios brasileiros. Ele é que ganhou muito dinheiro nas minhas costas. O índio brasileiro não precisa dele. É melhor a gente esquecer o Sting. Deixa ele dizer o que quiser”

RAONI



ECOLOGIA

O fim do romantismo

O roqueiro Sting descobriu que os índios adoram dinheiro e são pouco confiáveis

Quando uma causa perde a sua alma, pode-se dizer que ela está morta. O romantismo ecológico acaba de perder um de seus mais poderosos símbolos: a associação platônica entre o louro roqueiro Sting e o caiapó brasileiro Raoni. Depois de perambular pelo mundo com seu amigo selvagem e ser recebido até pelo papa, Sting admitiu recentemente seu desapontamento com o comportamento dos índios. “Eles tentam enganar você o tempo todo e tendem a ver o homem branco mais como uma fonte de recursos do que como amigo”, disse o cantor. “Eu era muito ingênuo e pensava que dava para salvar o mundo vendendo camisetas, mas consegui muito pouco.”

O roqueiro criou em 1989 a Rainforest Foundation e conseguiu levantar 1,5 milhão de dólares para a demarcação das terras dos caiapós, no sul do

Pará. Hoje, Sting lamenta que os índios permitam a extração de madeira e o garimpo em suas terras, mas parece desanimado com as alternativas. Não repudia os caiapós nem parou de se preocupar com a ecologia. O que deixou de lado foi

a disposição de arregaçar a camisa. “Vou continuar fazendo shows beneficentes, mas não quero mais ficar viajando e participando de reuniões ecológicas pelo planeta”, afirma o roqueiro.

No Brasil, o dono do maior beijo do planeta, o cacique Raoni, fez muxoxo. “O Sting é que ganhou muito dinheiro nas minhas costas”, respondeu o cacique. “O índio brasileiro não precisa dele. É melhor a gente esquecer ele.”

MUGNO PARA EUROPA — O aviso que vem do rompimento entre Sting e Raoni é que está no fim a idealização da natureza e seus habitantes pela gente fina, rica e

No estilo selvagem

O processo contra o cacique Paulinho Paiakan, que esturou há quase um ano a estudante Sílvia Leticia da Luz Ferreira, no sul do Pará, encontra-se parado em sua fase de instrução. O juiz José Maria Teixeira, de Redenção, onde ocorreu o delito, já ouviu as testemunhas de acusação, mas ainda não convocou ninguém da defesa. Há dois pontos obscuros que impe-

dem o andamento do processo. O primeiro é que a Justiça ainda não sabe a quem cabe defender Paiakan — se a um advogado indicado pela Funai ou pelo cacique caiapó ou a um defensor público escolhido pelo juiz. O segundo tema em discussão é o status de Paiakan. Se for considerado um índio emancipado, que adota a cultura dos brancos, Paiakan será responsável pelos seus atos e poderá ser conden-

nado a até dez anos de cadeia. Caso contrário, não poderá ser punido. O cacique caiapó não pode deixar a floresta porque sua prisão domiciliar foi decretada há seis meses, mas aproveita sua estada forçada na selva para posar de índio não aculturado. Parou de falar português, vendeu seu carro e se afastou dos negócios da aldeia, ele que tinha até avião nos velhos bons tempos de papariação internacional. “Não saio daqui, nem se for condenado”, afirma o cacique.

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: Fund. Mata Virgem
Data: 28/04/93 Pg.: #4 e 75 211

perfumada dos países desenvolvidos. O mito já sofrera uma rachadura considerável em junho do ano passado, em plena Eco 92, com a explosão do escândalo envolvendo o cacique Paulinho Paiakan. O índio estuprou e torturou, com a ajuda da mulher, uma estudante no sul do Pará. Seu processo criminal está emperrado na Justiça há seis meses (veja quadro abaixo). Pessoas de boa índole, dentro e fora do Brasil, readotaram o mito do bom selvagem nesta segunda metade do século XX graças à degeneração do planeta, causada pelos civilizados. Os índios são homens de carne e osso, com vícios e virtudes, mas essa obviedade escapou aos grupos ecológicos que adotaram a linha romântica. Agora, vive-se o período da decepção. Depois do caso Paiakan e de ter descoberto que os caiapós e seus sócios madeireiros faturaram 10 milhões de dólares por ano durante a década passada com a venda de mogno para a Europa, algumas entidades e empresas verdes passam a exibir uma atitude menos apaixonada.

A Fundação Mata Virgem, o braço brasileiro da Rainforest Foundation, por exemplo, não vai abandonar o seu trabalho com os índios do sul do Pará, mas pretende atuar daqui para frente de uma forma diferente. Em vez de incentivar doações de carros e aviões para os índios, a entidade vai centrar seus esforços no patrocínio de projetos que impeçam as tribos de destruir seu meio ambiente. "Os índios têm de se conscientizar de que estão vendendo a própria vida ao permitir a extração de madeira e ouro em suas terras", afirma Olympio Serra, presidente da Fundação Mata Virgem.

Na prática, a nova postura da Fundação Mata Virgem reconhece que os índios brasileiros não são simplesmente vítimas

da destruição ambiental como sempre se pretendeu mostrar. "Ocorreu com algumas lideranças indígenas o que aconteceu com Collor e PC. Elas foram seduzidas por carros, mulheres, bebidas, aviões e dinheiro fácil", admite Serra. O presidente da Fundação Mata Virgem, no entanto, exclui Raoni dessa confraria de selvagens aproveitadores da natureza.

INDENIZAÇÃO — Diante da índole extremamente mercantilista dos caiapós, as relações da tribo com seus parceiros internacionais começam a estremeecer. Em setembro passado, o inglês Gordon Roddick, dono da Body Shop, a famosa marca de cosméticos ecológicos que compra anualmente 6 000 litros de óleo de castanha dos caiapós para fabricar um condicionador de cabelo, ameaçou rescindir o contrato comercial com a tribo. Ele ficou furioso quando descobriu que algumas faturas da venda de madeira da área caiapó foram emitidas em seu nome, sem o seu conhecimento. A Body Shop, que vive da imagem de pureza de seus fornecedores, não compra madeira e o nome de Gordon foi usado numa maracatuia entre os caciques e as madeiras da região. "Fiz o projeto do óleo de castanha para que vocês parassem de vender madeira", reclamou o inglês, na ocasião. "Se vocês continuarem com o comércio de madeira, eu vou embora e tiro minha gente daqui."

"Pode tirar", respondeu um dos caciques da tribo.

Por ora, a Body Shop e os caiapós ainda mantêm seu contrato, mas o negócio pode ser desfeito se os índios não tomarem jeito logo. A julgar pelas últimas articulações da tribo, a ameaça de Gordon foi solenemente ignorada. Em fevereiro deste ano, às vésperas do Carnaval, os caiapós tiveram uma audiência em Brasília com o presidente Itamar Franco. Eles reivindicavam o direito de desmatar dezesseis áreas que ocupam. Se não for permitido derrubar as árvores, para vender a madeira, exigirão uma indenização de 800 000 dólares por mês. É difícil imaginar que um homem branco, mesmo um madeireiro, tivesse a coragem de fazer tal proposta ao presidente da República.

Chuva em pó

Vulcão chileno espalha cinzas no Brasil

A violenta erupção de um vulcão chileno, na semana passada, conseguiu fazer com que os gaúchos esquecessem o plebiscito. Dezenas de cidades do Rio Grande do Sul, incluindo Porto Alegre, amanheceram cobertas por uma fina camada de pó que pintou de cinza a lataria dos carros, os telhados das casas e as copas das árvores. A população local foi surpreendida por um fenômeno que seria comum, não fossem os 2 000 quilômetros que separam o vulcão Láscar, na Cordilheira dos Andes, de Porto Alegre. Uma das explicações mais mirabolantes para o fenômeno, surgida nas rodas de chimarrão, garantia que a fumaça teria vindo do incêndio da fazenda do fanático David

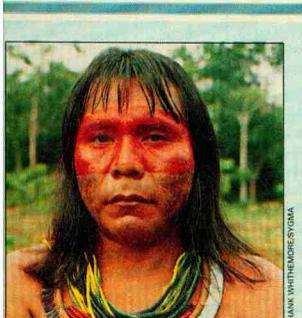
O caminho das cinzas

A erupção do vulcão chileno Láscar lançou cinzas a 15 000 metros de altitude que, com ajuda de correntes de ar, chegaram até a Argentina, Paraguai, Uruguai e sul do Brasil



Koresh, em Waco, Texas. Na verdade, a nuvem de poeira foi levantada a 15 000 metros de altura pela erupção do Láscar e pegou carona na massa de ar frio que atravessou a Argentina, passou pelo Paraguai e desembarcou na última quarta-feira no Rio Grande do Sul.

Quanto mais longe do vulcão, menores os danos causados pela poeira, que é composta de partículas minúsculas de lava e rocha vulcânica. "Ela não faz mal à saúde nem prejudica a flora e a fauna", garante o presidente da Fundação de Estudos e Proteção Ambiental, Luciano Marques. Algumas pessoas de Santa Rosa, no noroeste do Estado, reclamaram apenas de ardência nos olhos. Na Argentina, muitos vôos foram cancelados pela falta de visibilidade e porque a poeira pode desgastar as turbinas dos aviões.



Paiakan: "Não saio daqui"